

Vida em dose dupla

Os nascimentos múltiplos têm se tornado mais recorrentes. A curiosidade acerca dessa irmandade move a vida dos gêmeos



Laura (esquerda) e Helena têm personalidades bem diferentes atualmente

Helena (esquerda) e Laura (direita), quando crianças



POR ANA MILETTI*

Nascer em dupla é dividir, desde o início da vida, tempo, espaço, atenção e história com outra pessoa. Essa vivência singular desperta curiosidade em quem observa de fora, mas aqueles que compartilham uma cópia física ou genética desde o nascimento não conhecem outra realidade.

Embora menos comum do que a gravidez com um bebê, os nascimentos múltiplos são uma parte natural da reprodução humana. Cerca de uma em cada 60 gestações é múltipla. Esse número está em crescimento nas últimas décadas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em comparação ao declínio do número de nascimentos singulares. Esse dado está relacionado ao avanço tecnológico na área da fertilidade e de motivadores sociais, como gravidez em idade avançada.

Cientificamente, a formação de gêmeos pode acontecer por dois processos biológicos diferentes. Um deles é quando um único óvulo é fecundado pelo espermatozoide, formando um único zigoto que se divide em dois embriões. Esse processo origina gêmeos idênticos ou monozigóticos, geralmente com o mesmo sexo e bases de DNA muito similares.

No outro caso, dois óvulos são fecundados por dois espermatozoides diferentes ao mesmo tempo, o que acarreta no nascimento de duas crianças, as quais podem ser de sexos iguais ou diferentes e

possuem cerca de 50% de genes compartilhados.

Se, no âmbito biológico, essas distinções têm mais peso durante a gestação, na vida diária, a curiosidade social costuma girar em torno de outro eixo: o comportamento, as semelhanças físicas e a famosa hipótese de uma “telepatia” entre os irmãos.

Em meio a um crescimento compartilhado, o grande desafio é equilibrar a busca pela individualidade com o fortalecimento dos laços afetivos. A psicóloga Regina Vera destaca como o nascimento múltiplo molda a psique humana desde os primeiros anos. “O gêmeo está presente desde a gestação e, ao longo da infância, acaba sendo, ao mesmo tempo, um companheiro, um espelho e uma referência.”

Para a especialista, entender as fronteiras entre o “eu” e o “nós” é o pilar fundamental para uma convivência saudável. “É sobre aprender que ‘somos gêmeos, mas eu também sou uma pessoa diferente de você’. Quando a família consegue reconhecer essas individualidades, a relação tende a ser vivida de uma maneira muito mais equilibrada”, aponta.

A compreensão sobre essa dinâmica vai muito além dos irmãos e exige sensibilidade do núcleo familiar. Andrea Marra, empreendedora de 48 anos, sentiu na prática essa transformação há 13 anos, quando recebeu a notícia de que estava grávida de gêmeas.

Apesar de idênticas fisicamente, Laura e Helena demonstraram gostos e personalidades distintas desde

os primeiros dias de vida, lembra a mãe. “Nos primeiros três dias, a gente as diferenciava por causa das pulseirinhas da maternidade. Logo depois, colocamos brincos diferentes. Mas, desde o início, cada uma já tinha um jeito próprio, uma mais manhosa, e a outra mais tranquila.”

Para as irmãs, a relação é marcada pela cumplicidade diária. “É muito bom saber que sempre tenho alguém, que nunca vou me sentir sozinha e que posso contar coisas que teria vergonha ou ficaria incomodada de contar para outra pessoa. A gente se entende e se defende”, revela Helena.

O peso da comparação

Por outro lado, o olhar externo costuma impor um fardo pesado sobre os irmãos. Laura conta que a principal dificuldade é lidar com a constante expectativa de terceiros. “As pessoas acabam sempre nos comparando: o jeito de falar, a altura e a personalidade. Mas eu nunca iria preferir não ter uma gêmea.”

Regina alerta para o risco psicológico de criar paralelos dentro de casa ou na escola. “Quando uma criança ouve repetidamente que o irmão é mais inteligente, mais extrovertido ou mais responsável, ela pode construir a própria identidade a partir dessa comparação. Surge a sensação de que precisa ocupar um papel oposto ou de que vale menos em determinada área.”